



A Construção do Mito e do Imaginário Social nos Processos Culturais: “Túmulo do Anjinho” e “Maria do Carmo”¹

Karen Greco SOARES²
Leonardo Oliveira MARION³
Josenia AUSTRIA⁴
Cristovão Domingos de ALMEIDA⁵

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O presente estudo realiza uma discussão sobre a construção do mito e do imaginário social em torno das histórias populares “Anjinho” e “Maria do Carmo”, ambas parte da miscelânea cultural do município de São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil. Buscaremos, através dos preceitos teóricos sobre o Imaginário Social, entender como se deu a construção desses mitos e como eles se apresentam à mente humana. Em ambas narrativas estudadas foi possível destacar um processo comum em que essas histórias populares originaram-se de um imaginário ou consciência coletiva sobre o fato. Por fim, este trabalho, ergue-se como uma alternativa para analisar as práticas culturais como fenômenos da consciência e do imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Imaginário Social; Mitos.

INTRODUÇÃO

A cidade de São Borja, localizada na fronteira-oeste do estado do Rio Grande do Sul, é carregada de história e tradição, entretanto, ao longo dos anos parte dessa história vem se perdendo e antigos aspectos culturais e comportamentais dos moradores do município hoje se encontram fragmentados, impossibilitando a sua renovação e/ou preservação ou mesmo a possibilidade de estudos acerca dos mesmos. Conhecida como Terra dos Presidentes, pois o município foi berço de Getúlio Vargas e João Goulart, ou

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Relações Públicas – Ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: karen_qx@hotmail.com

³ Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Relações Públicas – Ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: leonardomarion@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Relações Públicas – Ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: joseniaaustria@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas – Ênfase em Produção Cultural da UNIPAMPA, email: cristovaoalmeida@gmail.com



ainda Terra Missioneira, há outra face de São Borja que é pouco conhecida, muito menos divulgada. É a essa outra face, a dos mitos de São Borja, especificamente às “Maria do Carmo” e “Anjinho”, que se dará o enfoque nesse trabalho.

Essas histórias oferecem aspectos pertinentes à pesquisa nas ciências sociais, portanto, este trabalho tornou-se relevante para compreender sobre a construção do Imaginário Social em torno desses mitos e de como o simbolismo compõem ou estrutura a vida cultural dos moradores da cidade.

Para a realização da análise, é desenvolvida uma reflexão sobre o Imaginário Social, com enfoque principal em três aspectos da teoria de Castoriadis (1975): o indeterminismo, a instituição e o simbolismo. Os fenômenos da consciência, quando manifestados na coletividade, são campos de estudo complexos e abrangentes, que carecem de espaço tanto nas ciências sociais quanto na comunicação social. É do interesse dos estudiosos realizar este desmembramento teórico a fim de conceber uma visão mais crítica e científica do objeto de estudo.

Os mitos “Anjinho” e “Maria do Carmo” são histórias que, mesmo fragmentadas atualmente, ainda transitam pelo imaginário popular, sobrevivendo ao transcorrer dos anos, sendo recontadas e retransmitidas de geração em geração. Estudar estas narrativas é uma forma de conhecer melhor a história da cidade no que diz respeito a sua mitologia e, além do mais, permite explorar as formas de construção do imaginário social são-borjense em torno destes fatos históricos que deram origem às suas lendas – a trágica morte de Maria do Carmo e o aparecimento de um túmulo desconhecido no cemitério municipal.

Para estudantes de um curso de graduação cuja ênfase é a produção cultural, compreender a dinâmica cultural do município, onde se encontram inseridos é imprescindível, daí a importância de analisar essas peculiaridades da cultura local. Porém, promover (des)construção da realidade social deslocando a maneira de observar estes fenômenos para o lado do imaginário, dos sentidos e do psicológico, instaura-se como uma alternativa inovadora de pensar os processos culturais na contemporaneidade.

IMAGINÁRIO SOCIAL



"Os estudos sobre o imaginário abriram uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados" (S. Pesavento).

Surgido como uma forma de apresentar uma nova mentalidade sobre a natureza dos fenômenos sociais e históricos, o termo “Imaginário Social” se originou pelos estudos do filósofo e psicanalista Cornelius Castoriadis. A expressão, sob o olhar deste autor, procura instaurar uma nova forma de pensar os fenômenos coletivos, introduzindo a questão da imaginação (FRESSARD, 2006).

Como um contraponto à corrente marxista, linha teórica de Castoriadis amplia a visão de que os fenômenos sociais não se devem somente através de uma determinação materialista, mas sim, em um nível novo de reflexão, que estes fenômenos surgiriam, também, através da indeterminação. Para Castoriadis, a imaginação é a criação humana indeterminada, portanto muda, surge a partir de uma incerteza. A troca social implica descontinuidades radicais que não podem ser explicadas por razões deterministas ou apresentadas como uma sequência de acontecimentos (CASTORIADIS, 1975).

Todas as sociedades, para Castoriadis (1975), constroem seus próprios imaginários: instituições, leis, crenças, tradições e comportamentos. Há, assim, de acordo com o autor “uma instituição imaginária da sociedade”. Porém, como adquirir a precisa compreensão deste conceito? Para isto, essa discussão, foca-se, inicialmente, nos três pilares que sustentam a teoria de Castoriadis: a instituição, o imaginário e a sociedade.

A sociedade é **instituída**, ou seja, não foi produzida naturalmente, ela é o resultado da ação humana. Para Buerguer & Luckman (1996, p. 79) “as instituições implicam, além disso, a historicidade e o controle. (...) São construídas no curso de uma história compartilhada. Não podem ser criadas instantaneamente.” A ação humana, em si, implica uma mediação por um sistema simbólico, que se converte em projeto, e sua compreensão não se dá apenas com a razão lógica, e sim, busca sua explicação nas causas que a originaram. Neste sentido, sua inteligibilidade remete, mais que a causas, do que a razões (FRESSARD, 2006).

Neste aspecto, propor que as instituições são **imaginárias** é dizer, em primeiro lugar, que são um fenômeno do espírito e, em segundo lugar, que estes códigos, significações e valores que orientam a sociedade são uma invenção dos seres humanos. São postas em relação de uma capacidade de criação. Para Castoriadis, portanto, as significações sociais não são nem totalmente naturais, nem totalmente racionais



(FRESSARD, 2006). Neste exato ponto é que surge o indeterminismo da mente, e a partir deste indeterminismo, o imaginário se constrói.

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de alguma coisa. Aquilo que denominamos realidade e racionalidade são seus produtos. (CASTORÍADES, 1975, p. 13)

Por fim, o imaginário e as instituições são **sociais**, pois se constituem como uma ordem de fenômenos genéricos, repetitivos em todas as sociedades. O imaginário originam-se no individual, mas se manifesta-se em um coletivo. O imaginário social provê a psiquê de significações e valores, e fornece, assim, os meios para comunicar-se.

A sociedade se institui instituindo um mundo de significações, porque a emergência do social-histórico é emergência da significação e da significação como instituída... (...) a instituição da sociedade é instituição do fazer social e do representar/dizer social. (CASTORIADIS, 1975, p. 405)

Em outras palavras: a sociedade é um conjunto de significações imaginárias sociais encarnadas em instituições que as animam. Desta forma, tem-se uma pergunta chave, proposto por Castoriadis, que se oferece como questão de reflexão para esta análise: “Por que é no imaginário que uma sociedade deve procurar o complemento necessário para sua ordem?” (CASTORIADIS, 1975, p. 156.).

Neste sentido, o imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Aspectos estes que podem ser vistos como veículos geradores de uma certa “ordem” na sociedade. Pode-se inferir, desta forma, que o imaginário é pressuposto para a criação, e tudo que é criação humana é cultura. A produção simbólica humana está diretamente ligada à sua capacidade de criar, imaginar.

Cada sociedade define e elabora uma imagem do mundo natural, do universo onde vive, tentando cada vez fazer um conjunto significativo, no qual certamente devem encontrar lugar os objetos e seres naturais que importam para a vida da coletividade, mas também esta própria coletividade, e finalmente uma certa ordem do mundo. (CASTORIADIS, 1975, p. 179)

Entre as discussões naturalistas e materialistas, Castoriadis propõe então que os fenômenos sociais e históricos são concebidos a partir do espírito humano. Para ele, sociedade e história são, principalmente, fenômenos do sentido (FRESSARD, 2006).



Diferentemente do que é usualmente pensado nos apontamentos filosóficos e sociológicos, que percebem o imaginário como um ponto negativo da sociedade, fruto de criações e interpretações ilusórias, de caráter superficial ou fantasioso, Castoriades ressalta a importância da imaginação para a criação de formas simbólicas dentro da sociedade. Por base, o imaginário social não é somente uma visão de mundo, mas sim, um “impulso fundamental”, uma ideia ligada a uma expectativa, que prevê um dinamismo ligado a uma intenção.

Em suma, o uso da expressão “imaginário”, que remete diretamente às formas de fantasia, sonho ou figuras, dá a ampliação necessária a estas dimensões historicamente ignoradas na maior parte das teorias sociais e filosóficas (FRESSARD, 2006).

Fundamentado por estes aspectos da teoria do “Imaginário Social” proposta por Cornelius Castoriades, realiza-se o estudo de um segmento que abrange o imaginário na sociedade. Segmento este caracterizado pelos mitos. O tópico seguinte, então, realizará um apontamento sobre os mitos, focando na história de como foi surgindo a visão mitológica do mundo.

MITOS

Antes do surgimento da filosofia antiga, por volta de 600 a.C., todas as perguntas do homem haviam sido respondidas pelas diferentes religiões através dos *mitos*, que eram passados de geração em geração. Um mito, por definição, como afirma Ferreira (2010, p. 520), trata-se de uma “narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo, e considerada verdadeira por ele”. O autor expressa, ainda, que o mito abrange “pessoa ou fato ou coisa real valorizados pela imaginação popular, pela tradição, etc.” Neste ponto, já podemos observar que mito e imaginário são conceitos que se entrelaçam.

Na maioria das religiões e culturas, as pessoas acreditavam que havia um equilíbrio precário entre as forças do bem e do mal, sendo que estas últimas eram consideradas como as forças do caos. Por meio de lendas que relacionavam os deuses antigos a acontecimentos, que desafiavam a lógica do pensamento e eram incompreensíveis para o ser humano da antiguidade (como catástrofes naturais ou



epidemias), buscavam-se explicações mitológicas para o funcionamento da natureza, e para o fato de existir sempre uma luta entre o bem e o mal.

Porém não se tratavam apenas de explicações. O homem não poderia ficar esperando pela intervenção dos deuses quando catástrofes como secas e epidemias o ameaçavam. O homem precisava, ele mesmo, participar dessa luta entre o bem e o mal, e isso era feito através de toda sorte de cerimônias ou rituais religiosos.

Na antiguidade, o principal ritual religioso era o sacrifício. Oferecer alguma coisa em sacrifício a um deus significava aumentar seu poder. Era preciso, por exemplo, oferecer sacrifícios aos deuses a fim de que eles se fortalecessem o suficiente para vencer as forças do mal. Desta forma, os mitos tentavam explicar às pessoas algo que elas não conseguiam entender. Mas, as pessoas não se contentavam apenas com explicações, elas também tentavam participar desses acontecimentos míticos, tão importantes para suas vidas. E o faziam através de diferentes rituais religiosos, que guardavam uma relação com os mitos.

Para ilustrar essa situação, podem-se citar os muitos exemplos, em diversas partes do mundo, de pessoas que encenavam um “mito das estações do ano”, a fim de acelerar os processos naturais. Acrescentam-se aí, também, a “dança da chuva” realizada pelos índios ou as comemorações ritualísticas de alguns povos que marcavam o final de cada colheita e início de uma nova estação do ano.

Visões míticas sobre fatos existiam no mundo todo, muito antes de os filósofos começarem a questioná-las. Quando surgiram os primeiros filósofos, na Grécia antiga, os gregos possuíam a sua visão mitológica do mundo e, ao longo dos séculos, as histórias dos deuses foram passadas de geração em geração. Porém, com o advento da escrita e a possibilidade de registro documental dos mitos, surgiu uma situação completamente nova, pois a partir do momento em que os mitos foram colocados no papel, já se podia discutir sobre eles. Na mitologia grega, os primeiros registros por escrito foram feitos por Homero e Hesíodo, por volta de 700 a.C.

A mitologia descrita por Homero foi criticada pelos primeiros filósofos gregos porque, para eles, os deuses ali representados tinham muitas semelhanças com os homens. Eles eram exatamente tão egoístas ou traiçoeiros quanto qualquer ser humano.



Essa foi a primeira vez na história da humanidade em que foi dito claramente que os mitos talvez não passassem de frutos da imaginação do homem.

Para o filósofo Xenófanes, nascido por volta de 570 a.C., as pessoas teriam criado os deuses à sua própria imagem e semelhança:

Os mortais acreditam que os deuses nascem, falam e se vestem de forma semelhante à sua própria... Os etíopes imaginam seus deuses pretos e de nariz achatado; os trácianos, ao contrário, os veem ruivos e de olhos azuis... Se as vacas, cavalos ou leões tivessem mãos e com elas pudessem pintar e produzir obras como os homens, eles criariam e representariam suas divindades à sua imagem e semelhança: os deuses dos cavalos teriam feições equinas, os das vacas se pareceriam com elas, e assim por diante. (GAARDER, p. 135, 1991)

Essa visão mitológica de mundo foi determinante para o comportamento do homem na antiguidade, que pautava sua vida, conduta e hábitos da forma como entendiam ser mais adequadas ao que os deuses queriam. Devido ao desconhecimento de processos naturais, por exemplo, e ao medo dos mesmos (assim como de epidemias), devido ao seu grande poder de destruição, o homem procurou a causa desses fenômenos em algo sobrenatural, daí que se pode considerar o homem da antiguidade como alguém que orientou sua vida real e social a partir de uma realidade imaginada e compartilhada coletivamente.

Neste sentido, infere-se que o mito está presente nas sociedades desde os primórdios, atrelado genericamente à imaginação coletiva. O homem sempre se utilizou de sua capacidade inventiva para buscar a resposta de questões que fugiam a sua compreensão racional.

Assim, a compreensão desse processo, ou seja, de como se origina o evento imaginativo e de como ele transparece na coletividade é o ponto chave dessa discussão. Por isso, o recorte dos mitos populares “Tumulo do Anjinho” e “Maria do Carmo”, ambas narrativas mitológicas da cidade de São Borja, RS. O enfoque a seguir apresentará as duas narrativas mitológicas, e posteriormente, as suposições e discussões realizadas com base na teoria do Imaginário Social.

Apreensão dos casos: Túmulo do Anjinho



Ao se entrar no Cemitério Jardim da Paz, em São Borja (famoso por abrigar os restos mortais de Getúlio Vargas), é possível deparar-se com um túmulo que é mais visitado do que todos os políticos ilustres enterrados no local, entre os quais o ex-presidente João Goulart e o ex-governador Leonel Brizola. Trata-se do chamado “Túmulo do Anjinho” ou “Grutinha do Anjo”.

Este curioso detalhe é elemento de atração do pequeno monumento cemiterial, onde não há nenhum nome que o identifique, apenas uma data em relevo numa das faces, 1922, certamente o ano em que, no local, foi inumado o corpo de quem ali repousa. No alto do túmulo há a imagem de um anjinho esculpido em gesso e com traços da arte barroca. O “Túmulo do Anjinho” é um dos mitos que povoam o imaginário do povo são-borjense.

O grande fluxo de pessoas que visitam o túmulo é surpreendente. São numerosas as manifestações de fé, as pessoas depositando flores, detendo-se por alguns minutos e rezando. O túmulo sempre recebe oferendas, como chupetas, mamadeiras e brinquedos, trazidos por mães que pedem e agradecem a ele pela saúde e proteção dos filhos. O povo crê que o Anjinho promove milagres e pessoas que já fizeram promessas e pedidos a ele foram atendidas, por isso, afirmam que o Anjinho é muito milagreiro.

Passando a pertencer ao folclore são-borjense desde os anos 20, o túmulo virou local de devoção, principalmente de mães, que a seu pé oram pela saúde dos filhos e pagam tais rogos e promessas com a deposição, no local, de peças referentes ao meio infantil.

Existem várias versões quanto ao aparecimento deste túmulo, uma delas, segundo informações populares, diz que o túmulo teria aparecido no Cemitério Jardim da Paz da noite para o dia, sem qualquer identificação, apenas com a inscrição “1922” e sem que ninguém ficasse sabendo sua origem. Muitos acreditam que ali está sepultada uma criança recém-nascida e filha de mãe solteira da alta sociedade de São Borja. A criança teria sido morta ou sacrificada ao nascer.

Outra versão contada pelo povo são-borjense é a de que o feto teria sido encontrado morto no lixo e recolhido por pessoas que se compadeceram e, para não serem acusadas de assassinato, construíram o túmulo sem que ninguém visse e ali depositaram o feto.

Também há relatos de que a criança teria sido imolada logo após o nascimento, para que fosse sepultada imediatamente, e que a morte fora cometida não pela mãe da criança, mas pelo avô inconformado, que não podia admitir que o neto chegasse ao lar



por outro caminho a não ser pelo enlace matrimonial: civil e religioso. O avô teria construído o túmulo às escondidas, sem identificação, somente com o ano já mencionado.

Os fatos apresentados e histórias contadas pelo povo são-borjense são coincidentes, e são a prova de que as tradições de um povo ainda vivem, porém devem ser cultivadas para que não se perca com o passar do tempo. Estas histórias enfatizam bem como o imaginário popular invade o contexto histórico e sociocultural da cidade, dando mais riqueza às narrativas contadas.

Túmulo Maria do Carmo

Maria do Carmo Fagundes, mais conhecida pelos seus dois primeiros nomes, foi uma mulher vinda de Bagé para a cidade de São Borja, onde sua imagem foi mistificada como santa após seu trágico assassinato, ocorrido em 1890, no banhado São João Batista. Segundo relatos, Maria do Carmo foi uma mulher simples, humilde, festeira, sensual, que tinha o hábito de fumar, beber e ajudava as pessoas necessitadas. Era conhecida por ter muitos amantes, atitude que, para a época, afrontava à moral vigente e, por essa razão, Maria do Carmo passou a ser considerada prostituta. Entretanto, de todo o material utilizado em suas pesquisas, em nenhum momento ficou explicitado que Maria era, de fato, prostituta, ela apenas vivia sob padrões um tanto divergentes do contexto daquela época.

A trágica morte da Santa Profana foi causada por um de seus inúmeros amantes. Segundo a lenda, Maria do Carmo estava em uma festa, dançando e festejando com um grupo de militares e, como de costume, foi uma das últimas a sair da festa. Um de seus amantes (o assassino em questão) gentilmente se propôs a acompanhá-la até sua casa. Chegando à região onde seu túmulo foi construído, o militar pergunta a Maria o motivo pelo qual ela o ignorou a noite inteira e, sem dar chances de resposta, ele a executou e a esquartejou, deixando seus restos no local do crime. No livro *Populário São-borjense*, (RILLO; O'DONNELL, 1991, p 75.) comenta sobre o depoimento de Joaquina Pantaleão, “foram seus irmãos quem acharam os restos mortais de Maria do Carmo, alertados por cães que disputavam os despojos da assassinada, colocados pelo autor da morte sob galharia e ramas secas do mato onde se deu o fato”. A única certeza é a de que o crime foi cometido com uma arma branca.



Os restos mortais da vítima foram enterrados no cemitério da cidade de São Borja, em um lugar que até hoje não foi identificado. Como a localização de seu verdadeiro túmulo é desconhecida, outro túmulo foi construído e é a este “falso túmulo” que várias pessoas se dirigem para fazer seus pedidos e preces. No mesmo local, encontram-se três túmulos de crianças sem nenhum documento concreto de quem foram ou porque faleceram (muito se assemelham à história do Anjinho, no cemitério de São Borja).

Devido a sua imensa bondade e ao fato de que ajudava os mais necessitados, sua imagem sobrevive na história de São Borja, agora em forma de Santa, conhecida como “Santa Profana” devido a seus costumes de beber, fumar e festejar, que também não foram esquecidos.

Milhares de pedidos são feitos para a “Santa Profana” todos os anos. Como forma de agradecimento pelas preces atendidas, fiéis acendem cigarros, deixam garrafas de bebidas, flores e recados em seu túmulo.

Escola de Samba, time de futebol, bairro e um complexo habitacional levam o nome da Santa. Abaixo está o poema escrito por Apparício Silva Rillo, que pode ser lido no livro populário São-borjense.

Por Maria do Carmo, em seu túmulo:

*Quem vela pelas velas de Maria,
Frágeis e líquidas pétalas de fogo lucilando
Por Maria do Carmo, protegei-as:
Senhoras que conheceis o segredo dos homens,
Donzelas que tantos sonhais pro conhecê-los.
Com vossas claras anáguas resguardai-as.
Com vossos longos cabelos defendei-as.
Com vossas carnes maduras aquecei-as,
Vós que ides a seu túmulo no campo
- senhoras que a buscais por vossas penas,
Donzelas que a exorcizais por vossos sonhos.
Por saberdes que foi morta e esquartejada
- velai por suas velas pálidas queimando.*



Por saberdes que teve seus membros espalhados

- velai por suas velas pálidas queimando

Por saberdes que o dente dos cães

Apunhalou-lhes as carnes

- velai por suas velas pálidas queimando.

Por saberdes que conheceu mais que vós

o segredo dos homens

- velai por suas velas pálidas queimando

Ai, Senhoras,

por vossas penas queimando

Ai Donzelas,

por vossos sonhos queimando.

DISCUSSÕES

Para compreender o processo de criação do mito em torno de ambos os acontecimentos – morte trágica de Maria do Carmo e aparecimento de um túmulo desconhecido no cemitério municipal de São Borja -, é necessário entender, inicialmente, a realidade da época, pois a construção do imaginário se dá a partir da apreensão do contexto social e histórico (CASTERÍADES, 1975).

Em 1922, época do ocorrido, grande parte dos moradores de São Borja não tinha acesso à informação, pois o meio de comunicação mais frequente era o rádio, que, se comparado aos meios de comunicação atuais, como internet e televisão, não oferece a mesma eficiência de quantidade de conteúdo disponível. O Rádio chegou no RS somente em 1927. Nesse sentido, como explicar o surgimento repentino de um túmulo desconhecido, sem identificação e sem que qualquer testemunha visse o fato?

Esse episódio desencadeou **indeterminação** e incerteza nos habitantes do município quanto ao surgimento do túmulo, o que pode ser classificado como um processo de construção do imaginário social, pois, segundo as palavras de Castoriadis (1975), a imaginação é uma criação humana indeterminada, ou seja, a imaginação não se forma a partir de fatos determinados e concretos. Porém, como o problematizado por Berger e Luckmann (1985, p. 37) a consciência é dirigida para objetos, ou seja, só se



pode apreender um substrato de consciência a partir de tal ou tal coisa. Não se descarta a hipótese de que os fatos concretos auxiliem a construção da imaginação.

Características em torno do ocorrido como ausência de conhecimento sobre o fato real e descontinuidade da realidade, evidenciam que houve, nesse momento, o início de um fenômeno primeiramente psicológico – pois despertou a imaginação dos indivíduos – e, em segunda instância, sociológico – pois se disseminou em toda a população local –, criando, assim, uma consciência coletiva em torno do fato:

O fantasiar é descoberto como componente ineliminável da vida psíquica profunda... a representação só pode formar-se na e pela psiquê... ela (a psiquê) é a imaginação radical que faz surgir já uma primeira representação a partir de um nada de representação, isto é, a partir de nada. (CASTERÍADES, 1975, p. 324)

Desta forma, criou-se o mito em torno do Túmulo do Anjinho como uma solução “fantasiosa” (CASTERÍADES, 1975) na tentativa de entender o mistério envolvendo seu surgimento.

Historicamente, como é destacado no livro *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, o homem sempre buscou soluções sobrenaturais para explicar fenômenos que fugiam à sua racionalidade, atribuindo a eles caráter divino. Como exemplo, citam-se as civilizações pré-socráticas, que atribuíam uma divindade a diversos aspectos da vida ou da natureza – na Grécia, Afrodite, para explicar o amor; Zeus, para explicar os trovões, e Poseidon, para explicar as marés, etc. Desta forma, os mitos tentavam explicar às pessoas algo que elas não conseguiam entender.

No caso do túmulo do Anjinho – que surgiu “misteriosamente” dentro do cemitério da cidade –, este mesmo processo de busca para a explicação do acontecimento fez com que os habitantes da época sustentassem as justificativas já saindo do plano material da razão, ou seja, atribuíram uma explicação divina, pois a compreensão do ocorrido fugia a sua lógica racional.

A partir do processo de construção de um imaginário baseado no indeterminismo do fato, o mito se constituiu como é, e por meio da disseminação das hipóteses no senso comum da época, a manutenção da história foi ocorrendo através dos anos, criando, assim, um Imaginário Social, ou seja, o fenômeno de uma consciência coletiva em torno do mito do túmulo do “Anjinho”.

Seguindo com as análises, parte-se para o mito “Maria do Carmo”. Observamos a peculiaridade da personagem enquanto figura pública. No período em que Maria do



Carmo Fagundes viveu, os valores e a moral vigentes eram muito mais rígidos se comparados aos dias atuais. Por ela ser uma mulher festeira, sensual, que tinha o hábito de fumar e beber, além de possuir vários namorados, simbolizava a imagem de uma prostituta.

Para os estudos de imaginário social “o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é.” (CASTERÍADES, 1975, p. 154). Nesse sentido, Maria do Carmo foi instituída como prostituta, quando, na verdade, não havia fatos que comprovassem tal afirmação. Nota-se, desta forma, mais um aspecto de construção do imaginário social, sendo este a **instituição**.

O imaginário social é, antes de mais nada, um conjunto de significações e criação de imagens:

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade. (MORAES, 2002, p. 1)

No caso da Maria do Carmo, sua imagem de prostituta, com o passar do tempo, formou uma memória mantida pelos habitantes são-borjenses. Como citado anteriormente, ela se tornou “um substrato ideológico mantido pela comunidade”, ou seja, ela teve sua imagem idealizada.

Outro ponto importante para este estudo diz respeito à sua morte trágica. Diferente da atualidade, na época do episódio (1890), o fato de alguém ser morto e esquartejado era um acontecimento social não tão comum, portanto, gerava mais estranhamento. Estranhamento que, por sua vez, popularizou a história da morte de Maria do Carmo e, a partir dessas histórias, sua imagem, antes de prostituta, ressignificou-se, associando a sua imagem a de uma santa. Explica, Casteríades (1975, p. 169).

Só existe história porque os homens comunicam e cooperam num meio simbólico. Mas esse simbolismo é ele próprio criado. A história



só existe na e pela linguagem, mas essa linguagem, ela se dá, ela constitui, ela transforma.

Como afirmado por Castoriades, o imaginário social também é um fenômeno do espírito, ou seja, está atrelado ao sentido dos indivíduos. A morte de Maria do Carmo, por ter sido trágica e um acontecimento social expressivo, inspirou a sociedade a vê-la de outra maneira. Desta forma, reconfirma-se o que salienta a teoria do imaginário social: o imaginário pode se apresentar como uma produção espontânea com origens irracionais (FRESSARD, 2006).

Diante do exposto, pode-se inferir que a construção do Imaginário Social em torno do mito “Maria do Carmo” se deu através de um processo de instituição de significado à sua imagem. Ela foi instituída pela sociedade como prostituta, teve uma morte trágica e por um processo de ressignificação instituiu-se como santa. Neste ponto, houve um processo simbólico, o que caracteriza uma das facetas da dinâmica do Imaginário Social, que se expressa através das formas de percepção coletiva dos indivíduos em torno de um objeto.

Como apreensão dos casos observados, a construção do imaginário social não se opõe ao real, ele transita entre realidade e ficção, explorando os limites da racionalidade humana.

APONTAMENTOS FINAIS

O estudo apresentado tratou-se de um resgate à história cultural mitológica do município de São Borja. Pouco conhecida, ou se perdendo ao longo do tempo, os peculiares Túmulos do “Anjinho” e da “Maria do Carmo” apresentam, em suas lendas, pontos de discussão que evidenciam como ocorre o processo de construção do Imaginário Social.

Com base nas discussões levantadas sobre o contexto das duas épocas, é possível inferir que os fenômenos culturais também são processos que ocorrem na consciência, de forma descontínua e, não necessariamente, associados ao que é real. Para complementar sua ordem, os indivíduos buscam na imaginação uma maneira de interpretar e considerar o mundo a sua volta, produzem significados a partir disso, e constroem seus modos de vida.



Se pauta relevante considerar que estes túmulos ainda são visitados atualmente, o que demonstra que é um processo fortalecido pelo caráter religioso, e conservado pela tradição. Em nível individual, os devotos vão aos túmulos oferecer suas preces, mas se concretiza como uma ação coletiva, já que o fluxo observado de pessoas que visitam os locais é bastante expressivo. Daí a importância de perceber esses locais públicos pelo viés do imaginário, do inconsciente individual, uma vez que eles refletem nos contextos sociais e nas ações coletivas.

REFERÊNCIAS

BERGUERS, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FRESSARD, Olivier. El imaginario social o la potencia de inventar de los pueblos. **Revista Transversales**. Madrid: Número 2. Primavera, 2006.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Campanha das Letras, 1991.

MORAES, Denis de. **Imaginário social e hegemonia cultural**. Especial para Gramsci e o Brasil, Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>

RILLO, Aparício Silva; O'DONNELL, Fernando O. M. **Populário São Borjense**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.